

8 Apresentando a FAGAP Hoje

A sede

A *sede* da Fanfarra está localizada na Escola Gabriel Prestes, no Centro de Lorena, a região comercial mais movimentada da cidade.

Eles dispõem de duas pequenas salas, ambas fora do prédio principal. Em uma delas, localizada ao lado do auditório da Escola, são guardados os uniformes, as alegorias, parte dos instrumentos, dois ou três troféus, além de outros pertences da fanfarra. Na parede, há um cartaz em que se vê uma antiga foto da FAGAP. Essa sala se localiza fora do prédio principal, entre uma quadra de esportes, onde o corpo coreográfico ensaia, e um pátio coberto, lugar de ensaio dos músicos. Na outra sala, próxima à residência do caseiro da escola, estão guardados os demais instrumentos.

Os muitos troféus conquistados pelo grupo estão guardados no prédio principal, alguns na sala da diretora.

A *Gabriel Prestes* é uma escola tradicional na cidade, seus alunos e ex-alunos referem-se a ela com orgulho. Sobre ela, encontrei algumas interessantes informações na seção *Histórias da Escola Estadual Paulista*¹ do *Memorial da Educação Paulista do Centro de Referência em Educação Mario Covas – Portal do Governo do Estado de São Paulo*.



Fig. 25 – Troféus

1

www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/neh/1825-1896/1895_Grupo_Escolar_Gabriel_Prestes.pdf



Fig 26 . Escola Gabriel Prestes – Primeira sede

Funcionava em prédio adaptado para o fim a que se destinava, no Largo da Matriz, hoje Praça Baronesa de Santa Eulália. Sua instalação realizou-se a 1º de junho de 1895, durante a gestão de Bernardino de Campos e de Cesário Mota, Presidente da província de São Paulo e Secretário de Estado dos Negócios do Interior, respectivamente. Funcionava a princípio com dois diretores, um para os meninos, Júlio Acanio Mallet, e um para as meninas, D. Ignez de Aquino Rios.

Entre 1896 e 1908, totalizou a matrícula de 4.968 alunos, sendo 2.307 meninos e 2.661 meninas, o que dá uma média de 382 alunos por ano.

Em 1945 funcionou precariamente no antigo prédio da Escola Normal Livre "Patrocínio de São José", em salas de aula no salão e no palco, separadas por biombos, onde permaneceu até 31 de julho de 1947.

Passou a funcionar no prédio do Grupo Escolar "Conde de Moreira Lima" a partir de 1º de agosto de 1947. Instalou-se no prédio atual, na Rua Duque de Caxias, em fevereiro de 1953, construído no terreno doado pela Prefeitura do Município de Lorena em 1947.

A partir de 1963 contava com classes para Deficientes Mentais.

Em 30 de janeiro de 1970, pelo Decreto nº 52.375, passou a oferecer classes para alunos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental (antigo ginásio), passando a denominar-se Grupo Escolar-Ginásio Gabriel Prestes.

Conforme Decreto nº 6.907, de 24 de outubro de 1975, teve seu nome mudado para Escola Estadual de Primeiro Grau.

A partir de 1986 ofereceu também o Curso Supletivo Noturno e, conforme Resolução SE nº 31, de 02 de fevereiro de 1990, passou a abrigar o ensino de Segundo Grau (atual E. Médio), mudando seu nome para Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau (EEPSG) Gabriel Prestes.

Por ocasião do seu centenário, em 1995, a escola funcionava em três períodos (manhã, tarde e noite), com 19 classes de 1ª a 4ª séries, 20 classes de 5ª a 8ª séries do primeiro grau (atual ensino fundamental) e 14 classes de 1ª a 3ª séries do segundo grau (atual ensino médio).

Atualmente, a escola oferece Ensino Fundamental (5ª. a 8ª. série), Ensino Médio e Jovens/Adultos (5ª a 8ª série e Médio).

Endereço:
Rua Duque de Caxias, 189 - Centro
Lorena, SP - CEP 12600-040
Tel: (12) 553-2615

Além do comércio, na vizinhança da Escola encontramos algumas residências e um dos mais altos e antigos prédios de Lorena, conhecido como *Predião*. Essa vizinhança, muitas vezes, sente-se incomodada com os ensaios da Fanfarra. Algumas vezes, chegam reclamações à escola; algumas foram registradas em Boletim de Ocorrência na Delegacia.

Mas as reclamações não vão avante, porque o horário dos ensaios nunca ultrapassa o limite permitido por lei, ou seja, não há ensaio após as 22h.

A estrutura da FAGAP

Embora existam algumas pequenas variações de subdivisão e de nomenclatura, com base na pesquisa empírica associada à documental, organizei um quadro geral do que denomino a rede da FAGAP.

Corpo musical	é a fanfarra propriamente dita.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Instrumentistas ▪ Maestro 	naipes de sopro e de percussão. responsável pela formação e pelo aprimoramento do corpo musical.
Linha de Frente	vai à frente do corpo musical.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pelotão Cívico ▪ Estandarte ▪ Guardas de Honra ▪ Portadores ▪ Corpo Coreográfico ▪ Mor ▪ Baliza ▪ Coreógrafo da linha de frente ▪ Coreógrafa da baliza 	<p>é constituído pelos portadores das bandeiras nacional, estadual, municipal e, se for o caso, a da escola; apresenta-se ladeado pela Guarda de Honra. Não faz evoluções nem coreografias.</p> <p>denominação dada ao portador do estandarte da corporação musical. Também é acompanhado por uma Guarda de Honra. Não faz evoluções coreográficas.</p> <p>acompanham os estandartes e as bandeiras.</p> <p>de flâmulas, bandeirolas, escudo, etc.</p> <p>apresenta uma coreografia com base nas músicas executadas pela Fanfarra. Faz coreografias durante a execução das peças musicais.</p> <p>conduz o desfile do grupo musical e coordena as coreografias.</p> <p>realiza, à frente da fanfarra, evoluções, coreografias e malabarismos que requerem alta flexibilidade corporal.</p> <p>concebe e dirige a coreografia do grupo.</p> <p>concebe e dirige a coreografia da baliza.</p>
Equipe de Apoio	contribui em diferentes atividades que visam à manutenção e êxito do grupo. É constituída por mães, pais, amigos e ex-integrantes.

Os jovens integrantes

A partir dos questionários aplicados e das observações que registrei durante o prolongado convívio com o grupo, tracei um perfil dos jovens componentes da Fanfarra.

A idade dos integrantes varia entre 10 e 25 anos (10 e 22 anos para o corpo musical e 13 e 25 anos para o coreográfico). A idade média do grupo é de 16 anos e meio (15 e meio para o corpo musical e 18 para o coreográfico).

Do total de integrantes da Fanfarra, no momento da pesquisa, uma significativa parte dos jovens do corpo musical estava abaixo dos 15 anos, idade em que a maior parte ingressa no grupo. Ainda no corpo musical, destaca-se uma concentração de jovens entre 15 e 17 anos, o que não se percebia no Corpo Coreográfico. Também é interessante

observar que, quanto ao gênero, naquele momento, a FAGAP contava com 56% de componentes constituídos por integrantes do sexo masculino e 44%, do sexo feminino.

Inicialmente, o corpo coreográfico era composto apenas por rapazes e o corpo musical por moças. Embora ainda haja predominância do sexo masculino no segmento musical e feminino no coreográfico, hoje essa diferença já não é tão acentuada.

A maior parte dos integrantes nasceu na região do Vale do Paraíba: 80% em Lorena e cerca de 12% em outras cidades da região. Note-se, ainda, que apenas 3 integrantes – dos 82 ouvidos – não nasceram no Estado de São Paulo.

A observação dos gráficos da escolaridade levou em conta a amplitude da idade dos integrantes da Fanfarra. Por ser a média de idade dos integrantes do corpo coreográfico mais alta que a do corpo musical, era esperado que a escolaridade do primeiro grupo fosse maior do que a do segundo, o que se confirmou. Destaco que aqueles que não estão estudando são apenas os que já concluíram o ensino médio.

Cerca de $\frac{3}{4}$ do grupo estuda atualmente e apenas $\frac{1}{6}$ do grupo afirmou não estudar.

O número de integrantes que trabalham é reduzido e, desses, quase todos dependem financeiramente dos pais. Também, é reduzido o número de integrantes que não trabalha nem estuda.

A maior parte dos jovens integrantes da Fanfarra declara-se católica, e a maior parte deles exercita a prática religiosa.

Cabe ressaltar que, na cidade, existem igrejas evangélicas de diferentes denominações — muitas com seus grupos musicais próprios.

Quanto à situação familiar, de modo geral, esses jovens vivem em um arranjo familiar em que é presente a figura do casal: 45% vivem com pai e com mãe e 14%, com um dos pais e respectivo(a) companheiro(a), ou seja, as figuras paterna e materna estão presentes para 59%. A presença de apenas um dos pais ocorre, apenas, em 36% do grupo.

O conjunto completo da apuração dos questionários pode ser consultado no Anexo 4, onde também foram incluídos alguns comparativos com dados da cidade de Lorena.

Uniforme

Nos campeonatos e em outras apresentações, os integrantes do *corpo musical* da FAGAP usam o seu *uniforme*: calça branca, túnica vinho, quepe branco e sapatos bicolores.

Nos últimos anos, alguns complementos desses uniformes foram comprados, e o uniforme da linha de frente foi redesenhado pelo atual coreógrafo.

Quando iniciei a pesquisa, o grupo havia encomendado os novos quepes e, pouco depois, renovou os

sapatos, ocasião em que foi escolhido o modelo bicolor (branco e vinho), muito valorizado no meio das bandas e fanfarras.

Distintos dos do *corpo musical*, os uniformes do *corpo coreográfico* apresentam algumas variações em seu modelo, sobretudo, entre o dos rapazes e o das moças, buscando valorizar o efeito gerado pela coreografia. Em geral, os integrantes do corpo coreográfico utilizam botas e portam adereços. Durante o período da pesquisa, foram feitas algumas alterações nos uniformes do *corpo coreográfico*, e alguns modelos novos foram desenhados pelo atual coreógrafo da FAGAP.

A renovação completa de um conjunto de uniformes requer um grande investimento, por isso, as modificações estão sendo graduais e sem uma periodicidade.

Isso causa certo estranhamento nas pessoas que não estão familiarizadas com esse *universo*. Em certa ocasião, estando eu em uma cerimônia para a qual a Fanfarra foi convidada a se apresentar, ouvi uma das pessoas que assistiam à apresentação comentar:

Lá vem a FAGAP com aquela mesma roupinha de sempre...

O uniforme da FAGAP é visivelmente *militarizado*, o que também é observado, embora não seja uma regra em muitas outras bandas e fanfarras. Possivelmente “esta aproximação com o traje militar” dá-se, “em grande parte por herança e força da tradição” (Santiago, 1992, p. 170). Ressalto que essa característica não é encontrada, apenas, nos uniformes de bandas e fanfarras, mas também nos de congadas, folias de reis, moçambiques, etc.

Nas competições, os uniformes de todos os segmentos devem seguir as cores oficiais, embora alguns detalhes possam ser tolerados.

O uniforme [do corpo coreográfico] tem que estar no padrão do corpo musical. Isso é a única regra que tem. A cor tem que estar no padrão, a cor mesmo. (...) em dois concursos o Paulista, aqui em Lorena, no ano passado, e em Francisco Morato, esse ano. Nós vimos na nossa planilha artigo tal, não me lembro o número, qual o artigo, (...) [que] O corpo coreográfico não se enquadrava no artigo devido à uniformidade, porque um naipe nosso é ocre e o ocre e o cenoura não estão dentro da cor vinho e branco. Era só um naipe só que estava de vinho e branco. [Tota]

Podem ser utilizados diferentes tecidos, bordados, botões e outros complementos que, historicamente, representam uma valorização social, herdada dos tempos da colônia e do império. Esses elementos dependem não apenas da função da estética e do impacto desejado, mas, sobretudo, das possibilidades econômicas da corporação. Por isso, o contraste entre os uniformes de diferentes corporações pode ser muito grande.

...os uniformes representam dispêndio financeiro e preocupação para as Bandas, já que representam um papel significativo no ritual da Banda. (Santiago, 1992, p. 171)



Fig. 27 Campeonato em Queluz.

O esplendor dos tecidos de seda com que vão se vestir os novos senhores do Brasil, nos séculos XVII e XVIII, tem uma função simbólica nos dois sentidos que acabam de lhe dar: fortalece o corpo social dos proprietários e impulsiona o comércio marítimo. Gilberto Freire relata inúmeras histórias e análises nesse sentido, referentes à Bahia. Ele mostra, em particular, que, mais que ao sustento, o aspecto suntuário liga-se ao adereço. (...) de fato, trata-se de uma suntuosidade que representa um ato de fundação. Despesa pura, supérflua, servindo de semente: ostentação que deseja provar às nações estabelecidas do velho mundo que o que está nascendo, desempenhando um papel importante no presente, está seguro de um futuro promissor (Maffesoli, 1996, p. 162).

Fora dos grandes eventos, encontramos algumas fanfarras que portam uniformes desgastados, assim como instrumentos em mau estado, algumas vezes, herança de outras que, ao trocarem seus uniformes, doam os antigos para esses grupos com menores recursos.

O uniforme do mor destaca-se dos demais pelo modelo, pela disposição das cores. Talvez, em algumas corporações, seja o mais *militarizado* de todas. Mas o uniforme que mais foge ao estilo dos demais é o da baliza, necessariamente mais *leve*, por contingência das manobras que realiza.

Tradicionalmente e com o reforço em regulamentos, a baliza não usa roupa transparente, colante ou cavada. Em geral, elas utilizam botas, algumas vestem luva e, durante a marcha, portam um chapéu ou um quepe. As cores de sua roupa devem estar em harmonia com as do conjunto dos demais integrantes. Observei que, nos últimos anos, para a baliza da FAGAP estão sendo adaptadas as roupas que eram utilizadas pela sua própria coreógrafa.

As roupas da baliza e do mor, por serem diferentes, os destaca, realçando a particularidade dos papéis que desempenham na Fanfarras. Também a roupa do regente distingue-se por sua função. Mas, nesse caso, o traje é o terno, sem qualquer vínculo, por cor ou modelo, com a dos demais.

O traje militar, a beca e outras vestimentas típicas de certas posições sociais têm a função de nelas esconder seu portador, protegendo o papel desempenhado da pessoa que o desempenha e, ainda, separando o papel que define a sua posição social no ritual dos outros papéis que desempenha na vida diária (DaMatta, 1997, p. 60).

Finalmente, registro que, apesar da grande influência exercida pelos uniformes das corporações estrangeiras², sobretudo as norte-americanas, os uniformes e adereços guardam especificidades locais. Como exemplo, cito dois: o de uma corporação da Bahia, que desfilava com pequenas bonecas com trajes típicos como adereço, e a de corporações de Santa Catarina, com roupas *tirolesas*. Nesses casos, temos incorporação de elementos tradicionais aos contemporâneos. Um outro exemplo de

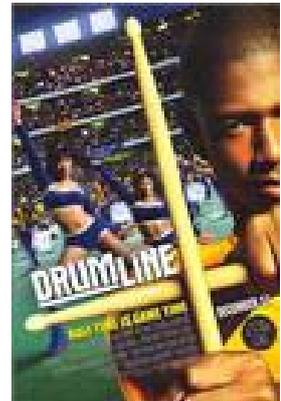


Fig. 28 – Capa DVD Drumline (2002)
Diretor: Charles Stone III

² Esta influência potencializa-se não só pelo grande número de corporações norte-americanas, mas, sobretudo, porque elas disponibilizam grande número de informações. Nos últimos anos, a Internet tem sido o principal veículo para esse acesso. Também o filme Drumline (Dir. Charles Stone III, 1992) contribuiu muito para esta intensificação.

atualização da tradição é o uniforme de uma corporação de Taubaté – a FAMUTA – que, ao renovar inteiramente o seu figurino, o fez sob inspiração dos Bandeirantes³.

³ Lembro-me de que os Bandeirantes são parte da História Local.

Tudo leva a crer que a síntese entre o global e o local esteja a ser mediada por uma importante dicotomia: enquanto o *global* toma posseção dos níveis infra-estrutural, sócio-político e ético-axiológico da cultura, promovendo uniformização, o *local* agita-se ao nível formal e estético dos símbolos e ícones, dando forma a identidades diferenciais e auto-referenciais (Pais, 2002, p. 190).

O uniforme tem grande valor simbólico para o grupo e representa um *“importante elemento no processo ritual”* (Santiago, 1992). Para a Fanfarra, assim como

Para a Banda, o uniforme é a roupagem que habilita a ter maior ou menor reconhecimento social. É comum difundir-se entre os integrantes a idéia de que a aparência da corporação, diante do público, não pode ficar em segundo plano, ao mesmo tempo fortalecendo a idéia de que o próprio indivíduo, isoladamente, se não quiser ocupar uma posição marginalizada na sociedade, tem que se comportar dentro de padrões estabelecidos em termos de vestuário e higiene (Santiago, 1992, p. 171).

O uniforme traz uma mudança de postura nos integrantes da Fanfarra, pois, ao usá-los, esses jovens assumem um ar solene muito diferente daquele do seu dia-a-dia.

as pessoas vêem a gente ensaiando ali, vê assim vestido normal, depois que você põe o uniforme para entrar, mas não sabe como é ali para você, você tomar a emoção que é. Você descobrir como é isso, essa emoção, esse sentimento... quando você está de uniforme pronto para entrar na avenida. [Edson]

O uniforme permite uma interação do corpo com a roupa, originando uma posição interior, uma predisposição interior que implica uma nova postura. Essa *predisposição interior* é consequência de uma situação idealizada, que pode ser atingida ou não.

Esse traje é a *máscara* nos termos em que se refere *Simmel*

A máscara pode ser uma cabeleira extravagante ou colorida, uma tatuagem original, a reutilização de roupas fora de moda ou, ainda, o conformismo de um estilo “gente de bem”. Em qualquer caso, ela subordina a persona a esta sociedade secreta, que é o grupo afinitário escolhido (Simmel, *Apud* Maffesoli, 1987, p. 127-128).

8.1 Desenredando e Enredando a Fagap

A Fanfarra é um trabalho de muitos. Além da trama de procedimentos na preparação dos jovens integrantes, para as diferentes possibilidades de atuação que proporciona, existem outros fatores, que são imprescindíveis para que essa estrutura se mantenha. E, ainda, são evidentes habilidades para atrair o interesse alheio, uma vez que, para dar prosseguimento a suas atividades, algumas negociações se fazem necessárias.

Lembro-me de que, acompanhando o seu sentido original, muitas vezes, o termo *fanfarra* é utilizado para designar apenas o grupo de músicos, outras, para denominar o conjunto na sua totalidade.

Da mesma forma, FAGAP tanto pode denominar o seu corpo musical em suas audições isoladas, quanto o conjunto completo que se apresenta nos concursos de que participa.

Como delineei no histórico que introduz o tema, diversas manifestações culturais conjugavam — e ainda conjugam — música e coreografia. Também outros elementos podem estar incorporados nessas ocasiões. Isso ocorre no meio das bandas e fanfarras. Em geral, existe uma relação entre bandas e fanfarras. Portanto, é natural que outros elementos também possam estar incorporados às fanfarras, quando consideradas como um grupo musical. E, ainda, que esses elementos, assim como as fanfarras, remetam às origens aristocráticas e guerreiras comuns ao grupo musical, cuja formação valorizava, lado a lado, a disciplina física e a sensibilidade artística⁴.

Portanto, ao que parece, o cerne da Fanfarra é o *corpo musical*, ao qual podem estar agregados alguns *elementos alegóricos*.

⁴ Vale lembrar que os romanos, responsáveis pela popularização das bandas, sofreram influência dos gregos, cuja educação valorizava uma formação integral. Vide Jaeger (1989).

8.2 Corpo musical

O *corpo musical* — formado pelos instrumentistas e seus instrumentos — constitui a fanfarra propriamente dita, com presença masculina e, cada vez mais, feminina.

Antes predominantemente masculina, hoje, a presença feminina é marcante e crescente e, ao contrário de muitas corporações, a FAGAP conta com um considerável número de moças no seu corpo musical.

Os ensaios mais freqüentes são os do corpo musical, em consequência, o maior tempo de minhas observações teve esse segmento como foco; por conseguinte, a maior parte das referências de campo é a esse foco relacionada.

Os instrumentos

Na sua origem, em função da necessária portabilidade, os instrumentos incorporados às fanfarras eram relativamente pequenos, leves e de simples manejo. Por serem executados em espaços abertos, esses

⁵ Vide Cap. 5

instrumentos requeriam grande potência sonora que possibilitasse um longo alcance, sobretudo, no caso de sinais⁵.

Hoje, a maior parte dos instrumentos apresenta essas mesmas características. Porém, ao longo do tempo, nas apresentações sem deslocamento, foram incorporados instrumentos mais pesados e, conseqüentemente, de transporte mais complexo.

Durante o período que acompanhei o grupo, tive a oportunidade de acompanhar a introdução de alguns instrumentos de percussão que, dado a suas peculiaridades, agregaram novas possibilidades de *performance* musical e firmando a *identidade sonora* do grupo.

Os instrumentos utilizados na Fanfarra não são particulares, por isso, a relação com esses instrumentos da fanfarra dá-se durante os ensaios⁶. Eventualmente, quando precisam treinar um pouco mais ou quando não haverá ensaio, um ou outro integrante leva o instrumento que executa para casa.

Quando conversei com Rafael, ele destacou a relação entre os instrumentos de sopro da Fanfarra com os de uma Banda Marcial. Isso é interessante porque, por exemplo, uma corneta sozinha não consegue executar toda uma escala. São necessárias três cornetas, em diferentes afinações, para completar uma escala equivalente à do trompete. Como já me havia explicado Agnaldo:

Na verdade, o instrumento que eu toco, o trompete, é uma reunião de várias cornetas juntas, em um só instrumento. O que muda ali, na verdade, o tamanho dos tubos. Cada pisto daquele, aumenta o tamanho do tubo. Na corneta não é possível, porque ela é um corpo só, daí vem os tons dela: si bemol, fá, mi bemol, ré. Então dentro da escala que o trompete atinge, essas cornetas se encaixam as notas. São a chamada escala eclética. Cada corneta dá cinco notas, somando essas cinco notas, vai dar a escala do trompete. Com o gatilho, pode executar outras cinco, mesmo assim não tem como tocar sozinho (...)

Ou seja, para executar uma música, as cornetas trabalham juntas para poderem alcançar uma escala completa, com um efeito próximo ao do trompete. Da mesma forma, estariam os cornetões para o trombone de vara, as tubas para os souzafones e os bombardinos para os euphoniums.

Ao apresentar essas equivalências instrumentais não pretendo discutir qualquer questão sob o enfoque musical. Se as destaco, o faço com o intuito de ressaltar a importância da participação em um trabalho conjunto em cada um dos naipes, já que — para alcançar uma escala completa — há necessidade de estarem reunidos três instrumentos com diferentes afinações. Portanto, a execução de uma música na fanfarra necessita de um trabalho conjunto muito bem articulado. Cada integrante da Fanfarra precisa estar bem *azeitado* com o outro.

⁶ Essa observação refere-se aos instrumentos utilizados. Esta influência potencializa-se não só pelo grande número de corporações norte-americanas, mas, sobretudo, porque elas disponibilizam grande número de informações. Nos últimos anos, a Internet tem sido o principal veículo para esse acesso. Também o filme *Drumline* (Dir. Charles Stone III, 1992) contribuiu muito para esta intensificação. Na Fanfarra, pois alguns integrantes — em geral os rapazes — possuem um instrumento particular que

Aqui na Fanfarra, você precisa pelo menos de 3 pessoas, três cornetas para fazer uma partitura. Então querendo ou não os três tem que estar entrosados, porque tem que fazer o papel de um, essa é a grande dificuldade da fanfarra, grande dificuldade, tem que estar muito entrosado. [Rafael]

Eventualmente, outras formas de emissão de som são *improvisadas*, tais como tubos de plástico, sinos, etc.

Esse improviso no uso sonoro de diferentes materiais me reporta, mais uma vez, à concepção latouriana da transformação do objeto.

A percussão da FAGAP pode ser apontada como um de seus pontos fortes.

Hoje em dia, (...) vamos dizer assim, 50% do efeito musical da FAGAP vêm da percussão. E todos eles tocam por música... [Agnaldo, ex-regente da Fanfarra].

Parece-me que esse é um potencial que vem sendo explorado pelo grupo e lhe vem dando notoriedade. Como apresentei anteriormente, no passado, os instrumentos de percussão introduzidos pelos janízaros deflagaram um notável desenvolvimento nas bandas européias. Por isso, considero interessante salientar que

A percussão foi a família de instrumentos que mais evoluiu no século passado, pois, em meados daquele século, ela nem se constituía um naipe reconhecido. Com certeza, foi um dos naipes mais explorados por compositores e o que teve o maior desenvolvimento técnico do século, quando grandes músicos levaram suas técnicas às últimas conseqüências. E a evolução tecnológica de alguns instrumentos? Só pode ser comparada a dos instrumentos eletrônicos.

Isso tudo dá a percussão uma posição muito respeitável no cenário musical, não permitindo ser deixada ao descaso, muito ao contrário, se tornou um dos naipes mais vislumbrados no mundo (Lima, s.d., s.p.).

Portanto, contar com bons instrumentos de percussão amplia as possibilidades de repertório e contribui para uma boa *performance*.

Tem que ter uma pessoa que apóia esse projeto para poder virar uma Banda Marcial. Como fanfarra a gente já conseguiu tudo que nós queríamos. Desafios, temos. Temos desafios! Mas acho que o grupo evoluiu tanto que a fanfarra já passou, já fica abaixo do nível que nós estamos querendo.

Mas teria que mudar todos os metais, um investimento muito alto! Falta ter quem apóie isso. Faltam os empresários quererem apoiar isso, é um projeto novo e a para a maioria dos empresários, a fanfarra é uma coisa nova e tem um mercado muito grande, mas os empresários, eles só apóiam... Sim, futebol, basquete, vôlei que aparece mais na mídia que fanfarra, que por enquanto não está aparecendo tanto na mídia.



Fig. 29 - Ensaio no Clube

Diria a um empresário que viesse conhecer o nosso projeto, que não é só virar uma banda. É as pessoas com quem a gente está trabalhando, dentro da fanfarra Gabriel Prestes trabalhamos com jovens. Quase todos de bairros carentes da cidade. Então estaria ajudando a maioria deles a achar uma profissão. Eu teria, o único objetivo é ajudar o jovem, estaria eu ajudando a nós, ajudando o jovem. Estaria ajudando a nós a ajudar o jovem. Com apoio, hoje nós somos 100 poderíamos ser 200, isso ajuda aos jovens a não estar na rua. [Washington]

Repertório

Em torno do repertório giram discussões técnicas, em termos musicais, confronto de arranjos, cessão de partituras entre si, a busca de originalidade, entre outros.

Ao maestro Washington, cabe a decisão final sobre a seleção do repertório.

O repertório da Fanfarra inclui tanto a música erudita quanto a popular. A escolha das músicas é pautada na possibilidade de sua execução pelos músicos e no seu caráter *competitivo*, ou seja, uma música que permita desenvolver o nível técnico do grupo e demonstrá-lo, sobretudo, nos campeonatos e concursos⁸.

Em geral, esses são os fatores fundamentais na escolha do repertório. A popularidade da música junto ao público não é considerada e, tampouco, as possibilidades coreográficas para as *balizas* e para *corpo coreográfico*.

Mas isso não significa que essas músicas não impressionem e representem um desafio também para a coreografia.

... cada vez mais a fanfarra está evoluindo musicalmente. Deles. Há 10 anos atrás não era esse nível que é hoje. Então eram umas coisas bem fáceis que pra mim já era difícil coreografar. [ri] Mas hoje é bem facinho [sic] é um arroz com feijão. Então eles evoluíram com a técnica musical, como eu tenho que evoluir a técnica coreográfica. Porque, no caso, as duas coisas têm que andar juntas, porque senão, não adianta. Eu costumo falar para o maestro que eu não posso opinar em nada, eu tenho só que gostar ou não gostar. Eu posso falar pra ele se a música é bonita ou se a música é feia. Só... Mas eu tenho que fazer a coreografia. [Tota]

Como conseqüência da concentração em um repertório específico para competições, dificilmente um público leigo, que não acompanhe esse tipo de produção, conhece as músicas que a FAGAP e muitas outras bandas e fanfarras executam.

Essa tendência no *universo das bandas e fanfarras* faz com que, nos concursos, sejam escassas as músicas populares e praticamente ausentes os ritmos brasileiros.

Conversando com o maestro Washington, fiquei a par de seu desejo de que a Fanfarra executasse determinado clássico brasileiro⁹. Porém, passados dois anos, o projeto ainda não foi concretizado.

⁸ Vide Cap. 7 e Cap.9

⁹ Por ter recebido como informação confidencial, não cito o autor nem a obra. Como não foi concretizada, permanece como um trunfo, que poderá ser usado futuramente.

De fato, não é uma coisa simples, é preciso cuidado na adaptação de obras para fanfarra, mesmo para bandas.

Músicas tradicionais, principalmente as do gênero erudito são difíceis de serem adaptadas para bandas marciais. (...) a má transcrição poderá caricaturar a obra (Nascimento, s.d., s.p.).

Quando entrevistei Agnaldo, ex-regente da Fanfarra, compositor e arranjador de músicas para bandas, perguntei-lhe sobre a ausência de música brasileira¹⁰ em detrimento de músicas estrangeiras, sobretudo, de músicas compostas especialmente para concursos.

A princípio, ele parecia discordar de minha afirmação, mas, logo confirmou a suposição que levantei.

Não! É comum, inclusive tem arranjos para Aquarela do Brasil e Canta Brasil que são espetaculares, são arranjos sinfônicos que a gente vê assim e... Nossa! Mas mudaram mesmo a cara da música. E por aí já houve muitos...

Depois tiraram os compositores brasileiros, acho que por essa invasão, vou dizer assim desses novos compositores americanos, que trouxeram essa música o James Swearing, Robert W. Smith, e Ed Huckeby¹¹.

Essa nova geração deles... Os regentes, os próprios integrantes da fanfarra, ouvem as composições deles e ficam maravilhados. Então eu acho que foi isso. Aí, deve ter forçado a ter tirado os brasileiros... Em alguns concursos ainda tem.

Portanto, a seleção do repertório, a busca de músicas mais complexas, parece-me ser, de fato, cada vez mais em função da possibilidade de evidenciar habilidades técnicas mais específicas, tendo em vista suas possibilidades competitivas. Que esse repertório contribui para o aprimoramento das habilidades técnicas e o desenvolvimento musical de cada instrumentista é certo, porém, pergunto-me — e perguntei ao maestro — se para os novatos não ficará cada vez mais difícil nivelar-se ao grupo e, conseqüentemente, dele participar.

Entendi que, para o ingresso no grupo, não é necessário um nivelamento com os demais, pois o novato executaria o que estivesse a seu alcance e progrediria já no interior da fanfarra.

A par disso, parece-me que existe o desejo latente de que novas fanfarras sejam constituídas, lideradas, talvez, por integrantes do atual grupo. Importante lembrar que, ainda, há o desejo e o desafio de que, se a Fanfarra for extinta, o grupo constitua uma Banda também.

Maestro ou Regente

O principal regente da FAGAP é Washington de Oliveira Souza, que, como muitos outros maestros de bandas e de fanfarras, iniciou sua formação musical nesse mesmo universo.

¹⁰ Na ocasião, comentei que — das músicas apresentadas em concursos — me lembrava, apenas, de um frevo, cujo título desconheço, e de Aquarela do Brasil nos concursos. Quanto à FAGAP, a única música brasileira da qual me recordava era Guardiões do Saber, de autoria do próprio Agnaldo, composta para ser executada em uma ocasião especial.

Por que não fazer como a [banda] da Universidade do Arizona, que tocou *Festa do Interior* e colocou a linha de frente dançando frevo no Band Day de 1990? (Macedo, 2002, p. 28).

¹¹ A divulgação da obra desses compositores é de fácil acesso na Internet. Muitas músicas podem ser ouvidas em parte ou integralmente e estão disponibilizados para venda os arranjos das mesmas. www.jameswearing.com
www.robertwsmith.com
www.barnhouse.com/composers.php?id=89

Quanto ao maestro ou regente, nele se localiza o eixo central das atenções ao trabalho das Bandas (Santiago, 1992, p. 197).

*Eu fui criado no meio, desde 1974 (...)
Desde que eu vi uma fanfarra eu gostei disso aí. Quando eu vi, eu nem sabia o que era banda e o que era fanfarra. Gostei da música. Desde que entrei na fanfarra eu sonhava em entrar para o quartel e ser um músico profissional. Eu morava do lado da Fanfarra da Escola Conde Moreira Lima, tinha fanfarra. Eu, no começo acompanhava, eu ia andando atrás, não podia entrar ainda aí eu só acompanhava, toda apresentação eu tava até que me deram uma oportunidade. Comecei com 8 anos, em 74 – sou de 67 – até hoje... (...) e tocando em fanfarra fui até... 91, já estava no Exército, mas tocava nas fanfarras em 92.....*

Toquei na fanfarra do Conde Moreira Lima, na Fanfarra do Prudente de Aquino, na Fanfarra do Arnolfo, na Banda Municipal de Lorena, (...), Banda Municipal de Pindamonhangaba, Colégio São Joaquim. Sempre morando em Lorena, em Pinda toquei os últimos 4 anos. De 88 a 92, eu estava em Pinda.

Atualmente, o segundo regente é Rafael Tobias, um jovem de 22 anos que iniciou seu aprendizado musical na própria Fanfarra.

Eu entrei em 1995 na Fanfarra, eu tinha 11 anos e não sabia nada, nada de música e foi bem no início da fanfarra, foi bem assim. Ninguém sabia partitura, ninguém mesmo da fanfarra então foi todo mundo aprendendo junto realmente, né... Eu fui ler partitura, a primeira partitura em 97, e acho 96, eu não me lembro. Eu peguei toda essa fase, eu não sabia nada de música e fui aprendendo.

Algumas vezes, o grupo se refere a Washington como maestro, em outras, como regente. Afinal maestro? Regente? Seriam sinônimos ou não?

Consultando os regulamentos de concursos, observei que se referiam ao *Regente ou Maestro* – assim mesmo com o conectivo – sem que em algum tópico houvesse uma diferenciação. Uma pista interessante encontrei nos programas em que aparece *Regente: Maestro Fulano de Tal*, o que parece indicar o *regente* como o que exerce uma determinada atividade – a regência – e *maestro* como um título. A consulta a dicionário especializado – Dicionário de Música de Borba & Lopes-Graça – confirmou minha suspeita.

MAESTRO (do it. maestrino)

Mestre, professor, compositor ou director de orquestra de certa categoria. Esta designação generalizou-se em todo o mundo artístico. (...) mas [o termo] não se vulgarizou nos conservatórios, onde vigoram ainda os antigos vocábulos de mestre e professor.

REGENTE

O que dirige, conduz ou orienta um importante grupo musical, uma orquestra, uma banda, um orfeão, etc., o que dirige a execução de uma partitura.

O emprego do termo [mestre], para além das lides académicas, talvez, possa se vincular às Confrarias Religiosas e às Corporações de Ofício que, segundo Franco Junior (1993), existiram na França (“métier”), na Inglaterra (“ghilds”), na Alemanha (“innungen”), na Itália (“arte”) e em Portugal (bandeiras de ofícios/corporações), durante o período medieval (Frade, 1997, p. 165).



Fig. 30 – em Queluz

A leitura dos verbetes indica que o *maestro* é o *mestre*, aquele que ensina, o que me faz lembrar que, em espanhol, a própria palavra *maestro* significa *mestre*.

Além de ser responsável pela formação e pelo aprimoramento do corpo musical, em geral, cabe ao maestro resolver os diversos entraves que surgem em função da participação em diferentes competições, tal como obter fundos para a inscrição no evento e para o transporte. Nesses outros aspectos, a ele somam-se outros integrantes do grupo, porém, ele é o principal contato da FAGAP.

Vários são os responsáveis pelo sucesso do evento, mas, agora, é importante citar os maestros que realizam não só o trabalho de formação e preparação do músico, do repertório, mas que são obrigados a participar da parte administrativa, burocrática e, principalmente, "arrumar dinheiro" para custear a viagem (Pereira, 2005, s.p.).

Assim, o maestro tem um importante papel na sua relação com o grupo, não apenas na condução musical, mas também como administrador geral da corporação. Ou seja, o maestro assume diferentes papéis que não são estritamente vinculados ao musical, mas necessários ao universo em que o grupo está inserido. Mais adiante, retomarei essa questão.

O relacionamento do maestro com os grupos é bastante informal, ao contrário do que possa parecer em alguns ensaios.

...a presença de grande número de militares não impõe necessariamente uma imagem externa marcante de caracteres da vida militar. Ao contrário, (...) a visão da Banda por parte desses músicos é de um lugar de lazer e confraternização, de reforço dos laços de sociabilidade, em que a hierarquia e a disciplina são decorrência da camaradagem e do companheirismo, responsáveis pela manutenção e atuação do grupo (Santiago, 1992, p. 184).

Entendo que esses laços de sociabilidade criam um mundo de trabalho compartilhado, no qual estão incluídos os modos de operar objetos, os procedimentos disciplinares e as decisões.

Como sociabilidade, entendo a possibilidade de compartilhar formas de operar procedimentos técnicos e equipamentos, formas de controle e decisões que podem gerar conhecimentos e artefatos (Knorr-Cetina, 1995).

Nisso parece concordar Rafael Tobias, quando destaca:

Sempre estou entre eles, estou brincando, conversando assim. (...) A gente separa bastante amizade e trabalho. A gente está aqui na frente, estou na frente é trabalho. Eu não ganho nada com isso aqui, mas o que a gente está fazendo é para fazer direito. Eu falo isso para eles, então amizade fica no intervalo, para fora do portão, mas durante o ensaio não...

De fato, à frente da Fanfarra, observei que tanto ele quanto o Maestro Washington mudam a postura:

Quando estou na frente fico sério mesmo. A Fanfarra, a Fanfarra não, qualquer grupo ela é muito o espelho de quem está na frente. [repete] Quem está tocando é espelho de quem está na frente. [Rafael]

Mas afinal,

O chefe da orquestra é um chefe, e a questão da autoridade está no cerne de sua prática. Justificada por razões técnicas, legitimada por um conjunto de regras e tradições, sustentada pelo carisma de seus protagonistas, esta autoridade se exerce em primeiro lugar sobre os músicos da orquestra. Ao mesmo tempo, o espetáculo de sua prática exerce um efeito real sobre a música, ela é igualmente decisiva para a influência do chefe sobre o público (trad. Buch, 2002, p. 1001).

8.3 Linha de Frente e seus componentes

A Linha de Frente é todo o conjunto que vai à frente do corpo musical. Esse conjunto é composto de diversos segmentos, a saber: o Pelotão Cívico¹², o Estandarte¹³, as Guardas de Honra, todos os portadores de flâmulas, bandeiras, escudos, etc., o Corpo Coreográfico¹⁴ e, ainda, o Mor¹⁵ e a Baliza¹⁶.

No *universo das bandas e fanfarras*, acredita-se que suas raízes possam estar

nas alas frontais das tropas de guerra e das guardas reais, que traziam, à frente, os brasões, escudos, flâmulas, bandeiras e bandeiras para identificação das mesmas (Miranda, 2000).

Porém, não se pode esquecer que esses complementos – *brasões, escudos, flâmulas, bandeiras e bandeiras* – estão presentes em muitas outras manifestações populares.

O corpo coreográfico

O corpo coreográfico requer movimentos marciais com a leveza e graciosidade da dança. Talvez, por isso, a participação dos rapazes seja menor do que a das moças.

Como já relatei, Tota do Vale, atual coreógrafo da FAGAP, foi o pioneiro nessa participação. Após sua entrada, outros ingressaram e, hoje, se pode afirmar que é considerável o número de rapazes que já passou pelo corpo coreográfico da FAGAP.

¹² O Pelotão cívico é constituído pelos portadores das bandeiras nacional, estadual, municipal e, se for o caso, a da escola., Apresenta-se ladeado, pela Guarda de Honra. Não faz evoluções nem coreografias.

¹³ Estandarte ou Porta-estandarte é a denominação dada ao portador do estandarte da corporação musical. Também é acompanhado por uma Guarda de Honra. Não faz evoluções coreográficas.

¹⁴ Corpo Coreográfico: é responsável pela coreografia das músicas executadas pela Fanfarra.

¹⁵ Mor: conduz o desfile do grupo musical e coordena as coreografias.

¹⁶ Baliza: realiza, à frente do grupo musical, evoluções e coreografias, que requerem alta flexibilidade corporal, além de malabarismo.

Mor

O Mor ou Regente-mor coordena a movimentação coreográfica da Fanfarra, comanda o corpo musical durante o seu deslocamento até o local de apresentação, onde passa o comando ao regente. Pessoalmente ou por meio de pequenos filmetes¹⁷, observei que algumas fanfarras militares, além do regente, contam com um elemento que desfila à frente, conduzindo-as, até o local onde permanecerão. Em alguns locais, esse elemento recebe a denominação de *baliza*.

Em síntese o Mor ou Baliza,

É o dirigente das fanfarras, precede a banda nos desfiles e apresentações, portanto a maça, ou entre nós, baliza. Com ela, bastão que é de madeira nobre com remates e finas aplicações de ouro ou prata, realiza movimentos ornamentais espetaculares e que, originariamente, significavam ordens aos executantes das peças musicais executadas (Meira e Schirmer, p. 35 e 36).

Na FAGAP, Tota do Vale, o coreógrafo da Linha de Frente é o Mor, Ele me explicou sobre esse seu papel na Fanfarra.

O Mor nem sempre é o coreógrafo, o coreógrafo pode estar trabalhando uma outra pessoa para ser a figura do Mor. Mas o Mor na realidade é... a palavra Mor é um sincopado de maior, é uma abreviatura de maior, então é o maior, o principal no caso. Dentro de uma corporação, a figura principal é o Mor. Ele é o responsável por toda a corporação, tanto na linha de frente quanto na parte musical. Lógico que a parte musical é trabalhada com o maestro, a musicalidade é trabalhada com o maestro. Então o Mor, ele ficou responsável pela parte de apresentação da corporação, o desfile mesmo. O desfile em si. Então é a marcha, a postura, é... o conjunto mesmo da obra toda é responsabilidade do Mor.

Na realidade esses movimentos coreográficos que a gente faz na frente da corporação é uma regência cadenciada. Assim a minha função como Mor é conduzir a corporação, a parte musical. No caso, conduzir todo o corpo musical com movimentos de regência durante o desfile e fora esses movimentos de regência durante o desfile, eu tenho que fazer uns movimentos coreográficos de apresentação da corporação.

Então tem todo esse movimento cadenciado para eles saberem como está o ritmo da música e mais os movimentos de apresentação para o público da corporação. Depois eu tenho que montar a concha para eles apresentarem as peças e entregar, passar para o maestro.

O Mor, embora não esteja presente em todas as bandas e fanfarras, geralmente tem uma *performance* marcante e bastante teatralizada. Para marcar a cadência,

Existe uma técnica específica para o manejo do bastão do Mor, que é muito diferente daquela utilizada pelo Maestro, bem como várias coreografias “clássicas” para a

¹⁷ Tive acesso a alguns filmetes de fanfarras e bandas da Argentina, Uruguai e Chile.



Fig. 31 – Mor

movimentação da Banda. Um Mor eficiente é um espetáculo à parte. Sua atuação rouba sempre um pouco da atenção do público e acrescenta um toque de garbo e majestade à apresentação da Banda (Miranda, s.d., p.).

Baliza

À frente da fanfarra, a baliza faz diferentes movimentos, que requerem alta flexibilidade corporal. A coreografia da baliza deve acompanhar a música executada, buscando causar um impacto com os seus movimentos.

Sua atuação conjuga vigor e suavidade, acompanhada nas apresentações de um constante sorriso nos lábios.

A gente sorri sem sentir. Quando empolga o Público então... a gente se abre em sorrisos. [Isis]

Rir e sorrir são formas de expressar emoções. Melucci afirma que “o riso tem uma característica de espontaneidade, é um fenômeno repentino e imprevisível” (Melucci, 2004, p. 165).

O sorrir também o é. O público contribui para o *sorrir sem sentir*, pois “o sentimento de prazer ou de satisfação aumenta com a presença de expectadores, embora esta não seja essencial para esse prazer” (Huizinga, 2005, p. 57).

A dança é a base dos movimentos da baliza. Seja o balé clássico, seja o moderno ou o jazz, são as técnicas de dança que embasam a leveza dos movimentos.

Além da dança, elementos da Ginástica Rítmica Desportiva (GRD) e a Ginástica Olímpica¹⁸ contribuem para a *performance* da baliza. Os equipamentos utilizados pelas balizas são os mesmos da GRD e seus movimentos de solo parecem inspirar-se na Ginástica Olímpica.

A baliza manipula diversos equipamentos pequenos (corda¹⁹, arco²⁰, massas²¹, fita²² e bola²³), sempre combinando os movimentos com o ritmo da música. Mas é o bastão²⁴, que leva obrigatoriamente na sua entrada nos desfiles, que a caracteriza. Esse bastão, também denominado *baliza*, provavelmente é herança de sua possível origem a do *regente-mor*.

Cada objeto encerraria múltiplas histórias, reportando-nos a um tempo e a um espaço que já não estão ali, senão em vestígios, numa linguagem muda que fala à sensibilidade de seus possíveis interlocutores (Queiroz e Melo, 2007, p. 17).

No Brasil, denomina-se *baliza* a figura que, em muitos países, é conhecida como *majorette*, que, como *mor* é uma palavra procedente de uma mesma origem (*major* ou *mayor*) e tem em comum, cada qual a seu modo, *introduzir* a corporação.

Por algum tempo, intrigou-me a origem da baliza como elemento feminino nas bandas e fanfarras. As minhas indicações eram apenas relacionadas a um papel masculino. Entretanto, no prosseguimento da pesquisa, encontrei uma versão para essa presença nas bandas e fanfarras. Ela teria ocorrido logo após o final da Segunda



Fig. 32 – Campeonato Paulista 2005

Você treina, treina, treina e chega na hora as vezes é uma questão do tempo. É um vento. É a chuva... [Isis]

¹⁸ A Ginástica Olímpica, na sua modalidade feminina, compreende quatro provas: salto sobre o cavalo, paralelas assimétricas, trave de equilíbrio e solo.

¹⁹ Destacam-se os lançamentos e capturas da cordas e os saltos com a corda aberta ou dobrada, segura por ambas as mãos.

²⁰ Podem ser apresentados diversos movimentos, rotações ao redor de diversas partes do corpo, além de lançamentos e capturas.

²¹ Além do arremesso e captura, destacam-se as batidas rítmicas.

²² O movimento deve ser constante e destacam-se os realizados lançamentos e capturas.

²³ Diversos movimentos com a bola em equilíbrio, saltos e giros com a bola apoiada no chão ou com deslizamentos ao longo do corpo, além de lançamentos e capturas, destacam-se no trabalho com a bola.

²⁴ A baliza executa diversos movimentos com o bastão utilizado ambas as mãos ou apenas uma delas, pode girá-lo, lançá-lo etc

²⁵ Segundo entrevista de Catherine Lazard.

Guerra Mundial, quando os americanos levavam atrações para o entretenimento das tropas. Uma delas era uma apresentação com dançarinas que acompanhavam as músicas militares, fazendo evoluções inspiradas naquelas que os próprios militares realizavam²⁵. Talvez simulassem conduzir os músicos com um pequeno bastão, em alusão ao utilizado pelo regente-mor e ao poder que o próprio bastão simbolizava²⁶. Aos poucos esse elemento feminino foi incorporado às bandas civis e tornou-se presença quase obrigatória entre elas.

Ainda no que diz respeito a possíveis origens da baliza, não posso deixar de salientar que a presença da figura feminina, dançando ou realizando malabarismos e acrobacias, não é recente, ao contrário, ela remonta a tempos muito antigos.

Embora não seja comum, alguns rapazes participam como baliza ou *balizador*, como, por vezes, são nomeados. Conheci dois. O primeiro por ocasião de um campeonato em Taubaté, como integrante de uma corporação de Lagoinhas. Na ocasião, soube que ele já participara com a FAGAP em algumas apresentações. No mesmo ano, *para matar a saudade*, ele integrou-se à FAGAP no desfile do *Sete de Setembro*. O segundo baliza avistei concorrendo por uma outra fanfara de Lorena, no Campeonato Estadual de 2005. Ao aproximar-me, o reconheci como um ex-integrante do corpo coreográfico da FAGAP.

Atualmente, a Fanfara conta com apenas uma baliza e há poucos meses também com uma *aprendiz*, entretanto, há quatro anos, as balizas eram três. Uma delas saiu por indicação médica, não querendo se desligar da Fanfara, e, por algum tempo, incorporou-se à percussão (pratos). A saída da outra se deu por questões de posição dentro do grupo. Explico: nas competições podem apresentar-se diversas balizas, porém, apenas uma – *primeira-baliza* – vai a julgamento. Quando, pela primeira vez, essa menina deixou de ser indicada para concorrer pela Fanfara, sua mãe procurou o maestro, pedindo-lhe que intercedesse pela filha. Porém, a decisão não era dele, mas da coreógrafa, e o que ela decidiu foi acatado. A regra é: concorre quem está em *melhores condições* na época²⁸.

A atual baliza ingressou na FAGAP de uma forma curiosa, foi *descoberta* por Íris, sua coreógrafa:

Eu tinha um grupo de ginástica. Fui fazer um trabalho voluntário lá no abrigo... Tem criança que mora lá e tem crianças que passam o dia lá, estudam mas ficam lá.

Ela [a Loraine] estudava de manhã e ficava lá à tarde, depois da aula ia para lá. Aí eu comecei a fazer um trabalho, ia uma vez por semana e ficava fazendo ginástica com as meninas de lá.

Foi quando eu conheci a diretora, que era a d. Maura. Foi ela quem me falou dela [a Loraine], que tinha uma menina que vivia brincando de ginástica, Ela achava que a menina tinha talento e coisa e tal. Fui dar aula pra ela e ela era assim já... Desde pequena. Quando eu a conheci ela tinha uns oito, nove anos.

²⁶ Cetro do rei, bastão de comando do general, a batuta do maestro, etc.



Fig 33
Pintura encontrada em Luxor
Tumba de Nebamum
XVIII dinastia

Em algumas cenas antigas, também se destacam as acrobatas, que realizavam suas *performances* em banquetes e festas, como podemos ver na cena mais abaixo. Uma das festas mais conhecidas era a Festa de Opet, em Luxor, em homenagem ao Deus Amon.

²⁸ Essa foi a versão que me foi dada pelo grupo que permanece na Fanfara. Quando essa baliza saiu, soube que algumas amigas do corpo coreográfico a acompanharam, mas não pude ouvir nenhuma delas.

Era brincando, mas ela já sentia tinha facilidade, pelo que ela fazia. Tem gente que leva seis anos e não faz.

Para a baliza da FAGAP, essa brincadeira é normal na cidade em virtude do conceituado grupo de GRD de Lorena. Em sua opinião, procurando imitar as ginastas do grupo, muitas meninas

começam se virando, já entram na ginástica fazendo muita coisa. Tem meninas que já entram sabendo.

Mas sua coreógrafa contesta:

Mas ela... Ela, o trabalho corporal dela... Ela já nasceu apta pr'aquilo entendeu? A coluna dela é um absurdo! Coisa assim que eu podia morrer de treinar, outras pessoas, nunca conseguiriam.

Coreógrafa da Baliza

A jovem baliza, como disse, tem sua própria coreógrafa – Íris Pacheco, ex-baliza da FAGAP

Fiquei como baliza até 2001. Depois eu casei. É com 22 anos. Fiquei 5 anos como baliza, 5 anos... Eu entrei assim já meio tarde, mas pelos anos que eu fiz ginástica... É assim para você começar a ser baliza com dezoito anos, para quem nunca fez nada de ginástica aí é diferente. Mas eu não, eu já tinha feito 3 anos de balé quando eu morava em Taubaté, fiz ginástica olímpica e fiz seis anos de GRD²⁹. Eu tinha ritmo e era flexível, mas foi difícil adaptar porque são coisas diferentes, mas depois eu entrei no esquema.

Quando a Fanfarra começa a ensaiar uma nova música, ela precisa coreografá-la para a baliza. Para isso, ela passa o dia todo pensando, com aquela música na cabeça, imaginando possíveis coreografias.

A coreografia da baliza precisa estar em perfeita harmonia com a música. Por isso, a elaboração da coreografia conclui-se na prática, porque, muitas vezes, uma idéia pode não ser tão interessante visualmente como se supunha ou até mesmo impraticável. Além disso, novas idéias podem surgir, à medida que ensaiam, e também a própria baliza apresenta sugestões a partir de sua maior ou menor segurança em realizar determinados movimentos ou, simplesmente, com base em suas próprias idéias.

Além de coreógrafa, Íris é responsável por várias atividades durante a inicialização da jovem baliza:

... ela já nasceu assim, então só precisava trabalhar um pouquinho. Aí eu comecei a levá-la para fazer aula de ginástica, porque eu dava aula. Eu a buscava em casa, levava para a aula e depois levava para casa de novo porque ela mora lá com a avó dela e não tinha ninguém que

²⁹ A GRD - Ginástica Rítmica Desportiva é um esporte praticado apenas por mulheres e destaca-se pela beleza e delicadeza de seus movimentos, aliados à grande elasticidade. O grupo de GRD da cidade de Lorena é muito bem conceituado no meio desportivo e tem atraído inúmeras meninas para a prática desta modalidade.



Fig. 34 - Coreógrafa e baliza Durante o ensaio

pudesse levá-la, ela era pequena. Eu que era a responsável eu pegava levava para ginástica e devolvia .

No entanto, existem outras atividades que seriam interessantes que a jovem baliza pudesse participar, pois, embora *campeoníssima*, faz-lhe falta uma boa iniciação em dança. Seria interessante que pudesse freqüentar aulas de dança regularmente, porém não tem sido possível.

Coreografia

A coreografia busca adequar diferentes evoluções à determinada música, considerando “*a performance solene do teatro, a criatividade do ballet e da dança, o rigor e precisão da ginástica olímpica*” (Pereira, 2003, s.p.).

No universo das bandas e fanfarras, em geral não registram em papel os seus projetos e trabalhos coreográficos³⁰, havendo a transmissão de conhecimento na oralidade. Por meio da Internet, localizei apenas uma tentativa de registro gráfico, mas, em meus contatos diretos, nenhuma.

Tota do Vale é o atual responsável pela coreografia do grupo. Ele concebe os movimentos e os ensaia com base no que imagina e registra em sua memória.

É isso, a gente aprende assim, na prática mesmo. Não tem como escrever isso, não tem como registrar, é difícil, vai criando assim na hora.

Também explicou-me como concebe o trabalho que será apresentado:

Primeiro a gente tem que imaginar qual o espaço que a gente vai utilizar. Geralmente, a Fanfarras se apresenta em lugares públicos, em ruas. Então você já tem mais ou menos o espaço definido de uma rua.

Aí a gente tem que medir assim: centro, o eixo da coreografia, laterais, diagonais, a gente vê mais ou menos como a gente vai dispor os componentes nesse espaço, pra gente não acertar o público, eles não se acertarem, né? Daí, dentro dessas formas e criando outras que girem dentro disso. Dentro desse eixo do centro, diagonais e laterais. Aí vale a criatividade para criar essas outras formas. Vão saindo as formas arredondadas... as retangulares, daí vai... gerando uma série de formas e a utilização da lateralidade, não só usar de frente para um lado, usar de frente para vários lados, todos componentes para um mesmo lado, divididos... é meio complicado, mas uma coisa vai puxando a outra, entende?

E a gente presta atenção de nunca repetir a mesma forma dentro daquele espaço ali, nunca repetir o mesmo movimento.

Coreógrafo da Linha de Frente

A partir de conversas com alguns coreógrafos foi possível concluir que, em geral, eles são oriundos de

Basicamente, para se ter equilíbrio entre coreografia e música, pode-se utilizar os trechos lentos e, em piano, para seqüências que enfatizem as habilidades expressivas da baliza; já as habilidades da ginasta e da bailarina precisam, normalmente, de trechos mais rápidos e fortes.. (Bozzini, s.d.).

Porque coreografia nada mais é do que movimentos que giram em torno de quê? De dança!

*Só que os **nossos movimentos** [ênfatisa] são voltados para a marcialidade, pra marcha. [Tota]*

diferentes áreas, tais quais: profissionais de dança e teatro, professores de educação artística ou educação física e ex-integrantes de bandas e/ou fanfarras.

O coreógrafo da FAGAP, Tota do Valle, tem a dança por base.

*Eu gosto mais do clássico, mas na Fanfarra, na coreografia, eu procuro puxar um pouquinho de cada. Procuro puxar um pouquinho do clássico, um pouco do contemporâneo, um pouco do jazz também... eu fiz alguns anos de jazz.
(...)*

Ter estudado dança me ajuda bastante. Não adianta a gente fazer um trabalho de postura e exigir a marcha - que é um dos itens principais do nosso trabalho - sem conhecer a anatomia do corpo, porque de repente eu posso estar forçando a musculatura da pele dos componentes. E depois eles podem sofrer um acidente com isso. Então, eu tenho que conhecer e, para isso, eu tive aula de dança. Então eu tenho uma certa noção de alguns movimentos que eu posso estar aplicando. Isso me ajudou bastante. E tem que ser assim, um trabalho... Isso é minucioso porque tem que pegar cada componente e ver qual o limite de cada um... Porque, quando chega no concurso, eles vão analisar o conjunto, a uniformidade do conjunto. Então eu tenho que trabalhar cada indivíduo para saber qual o limite dele.

O que eu posso puxar mais nele, para eu conseguir depois uma uniformidade, conseguir trabalhar a altura de perna de todas na mesma altura.

Então eu não posso exigir: Tem que marchar igual! Mas como se eu não sei o limite de cada um? Né... Então tem que fazer todo esse trabalho individual. Aí tem a musculação da perna, ponta de pé, respiração, equilíbrio e tudo isso a gente vai aprendendo com aula de dança mesmo. Porque é característica da dança. Porque nosso trabalho, como é um corpo coreográfico, tem que desenvolver coreografia, e coreografia nada mais é do que movimentos que giram em torno de que? De dança!

*Só que os **nossos movimentos** [ênfatisa] são voltados para a marcialidade, pra marcha.*

Ele é extremamente criativo: cria e recria, muitas vezes inovando, com simplicidade, a partir do material que já possui. Um exemplo: para um desfile de Sete de Setembro, ajustou elásticos aos usuais bastões de modo a que pudessem ser manuseados como arcos, dos quais saltavam flechas imaginárias.

Outras vezes, ele idealiza objetos mais trabalhosos, que são concretizados pela *equipe de apoio*, que será apresentado mais adiante.

Tota, pioneiro na participação masculina no corpo coreográfico da FAGAP, considera que

...o coreógrafo da época, ele não tinha assim é... grandes idéias, não tinha nada de inovador para apresenta. Era uma coisa muito limitada. Aí o Washington mesmo me propôs: se eu tinha capacidade para montar uma coreografia e eu disse "jamais!" Imagina, jamais passou isso pela minha

cabeça que eu ia conseguir montar uma coreografia. Ele falou: “então vou levar você para conhecer um coreógrafo de uma banda”, uma banda que até então era famosa aqui na região, que era os Dragões de Pindamonhangaba. Aí ele pegou, me apresentou ao coreógrafo, ele 1 mês deu umas aulas particulares, me explicou mesmo como que se desenvolvia uma coreografia dentro de um espaço, né.

Assim como existe um tipo de música que favorece o corpo musical, imaginei que talvez houvesse um que beneficiasse a coreografia. E ele elucida:

Ah sim!. Por que vai muito do andamento da música, do ritmo, né. Porque se ela tem uma variação de ritmo, isso favorece mais o trabalho, pode-se criar muito mais em cima, mas se ela tem um movimento só, do início ao fim, o trabalho fica meio assim... Meio morto, sabe... Não tem aquelas nuances.

Em palavras simples, fica chato. Fica chato! Porque não tem aquelas nuances de movimento. De repente o movimento está suave, aí você quebra os movimentos suaves com os movimentos mais rápidos, então desperta a atenção de quem está assistindo. De repente acaba essa parte rápida, essa euforia toda, aí vem os movimentos bailados... Quando tem essa variação de ritmo, fica mais bonito o trabalho!

Cabe ressaltar que a formação desses coreógrafos se dá pela experiência particular em diferentes áreas, e as especificidades da coreografia de fanfarra são transmitidas entre eles, isto é, os mais experientes transmitindo para os novatos.

Comecei a fazer congressos em São Paulo... todo ano tem um congresso. Esse congresso é pela Federação Paulista de Fanfarras então tem um instrutor de linha de frente, que ele já é famosíssimo no país inteiro. Ele dá vários cursos no país afora e nesse congresso.

E nesse congresso ele apresenta pra gente como que a gente deve é... montar uma linha de frente assim, trabalhando todos os itens que os regulamentos do concurso pede desde a uniformidade até o trabalho prático mesmo de marcha, postura, a empunhadura dos bastões, dos adereços.

(...)

Aí eu comecei a participar desses congressos e foi abrindo mais a minha visão quanto à coreografia. Daí em diante eu não parei mais, até hoje.

*Aqui a gente faz de tudo um pouco. Eu, por exemplo, eu limpo os sapatos, eu lavo as roupas, faço bolo, ajudo no que precisa, recebo dinheiro quando precisa viajar, para o ônibus... Tudo que aparece a gente faz um pouco.
[Sandra]*

³¹ Quando iniciei a pesquisa, a equipe de apoio era constituída por 15 pessoas (12 mães e 3 pais); hoje está reduzida a uns dez elementos.

8.4 Equipe de Apoio

A *equipe de apoio* é pequena, mas sua participação é intensa³¹. Constitui-se por mães e, em menor número, por pais de alguns dos jovens da Fanfarra e, ainda por alguns *simpatizantes*, tais como ex-integrantes, amigos e até mesmo algumas mães que permanecem, mesmo quando seus filhos se desligam da Fanfarra.

³² Observei que grande parte dos pais não acompanha a trajetória de seus filhos na Fanfarra. Alguns, conforme pude constatar, nunca assistiram a uma participação da Fanfarra.

A *equipe de apoio* tem um papel fundamental na Fanfarra, uma vez que exerce inúmeras funções que contribuem para a manutenção e o êxito do grupo. Além disso, seus componentes são elementos que dão apoio e carinho para os jovens, representando, muitas vezes, as figuras materna ou paterna, ausentes para alguns deles³².

A equipe acompanha o grupo nas apresentações e nos campeonatos, ajudando na organização e no transporte do material necessário, tais como uniformes – calças, quepes, sapatos, túnicas, etc. –, instrumentos, bandeiras, estandartes, escudos, diferentes adereços, entre outros itens. Preocupam-se, como afirmou uma das mães, até mesmo “*com o terno do Washington*”³³.

Também, é a equipe de apoio que se responsabiliza por maquilar e prender o cabelo das meninas, fazer consertos de última hora nos uniformes e adereços, além disso, inevitavelmente, esses componentes preocupam-se em acalmar aqueles que estão mais tensos em virtude da apresentação ou por qualquer razão particular. Lembro-me ainda, que a equipe de apoio lava e passa todos os uniformes, responsabilizando-se por sua manutenção – que, entre outros itens, inclui *pequenos consertos, reforço de e botões, alteração de bainhas* – conservando-os nas melhores condições para os diferentes eventos.

Nas idas e vindas do grupo, para evitar atropelos de última hora, todas as partes dos uniformes – calças, túnicas, quepes e calçados – são numerados em correspondência com o número que é atribuído a cada participante, quando de seu ingresso na Fanfarra. Assim, graças a esse procedimento, é possível a cada um reconhecer, facilmente, seu uniforme. Essa numeração é remanejada em função da renovação dos integrantes e também do crescimento. Essa tarefa cabe à equipe de apoio.

Quando a fanfarra entra em movimento para apresentações em espaços abertos, como desfiles cívicos e competições, os membros da equipe de apoio têm um papel fundamental na introdução dos instrumentos de percussão mais pesados, aqueles que não possam ser deslocados pelos integrantes em movimento, bem como colocando as estantes para a aposição da pauta musical.

Nessas ocasiões, utilizam um uniforme nas cores vinho e branco, as mesmas da Fanfarra, tendo o logotipo da Fanfarra estampado na blusa ou camisa.

Durante as viagens e apresentações, a equipe de apoio preocupa-se para que não falte água e alimento para os jovens. E zelam, ainda, por toda a documentação necessária para as viagens³⁴, para as inscrições nos eventos e outras burocracias que se façam necessárias.

Mas não são apenas estas as atividades da equipe de apoio. Outra importante contribuição é a de levantar fundos para a Fanfarra. Muitas vezes, presenciei a venda de cachorro-quente, bolo ou refrigerante em benefício do grupo. Em uma ocasião, foi organizado um *Dia da Pizza*, quando foram preparadas e entregues dezenas de pizzas, cujos *vales* foram vendidos antecipadamente pelo próprio grupo.

³³ Contam que, certa ocasião, ao chegarem ao local onde seria realizado um dos certames, o regente deu por falta de seu paletó, camisa e gravata. Ele pensava que sua esposa ocupara-se em levá-los, e ela, por sua vez, julgava que ele já os embarcara. Desde então, o terno do regente foi incluído nas preocupações da equipe de apoio, e esse episódio foi incorporado a seu discurso.



fig. 35 – Cada coisa no seu lugar...



Fig. 36 – Equipe de Apoio

³⁴ Nas viagens, além da necessidade de todos os integrantes portarem sua carteira de identidade, é preciso ter uma cópia de cada uma delas e, ainda, uma autorização de viagem dada pelo responsável de cada um dos jovens menores de idade.

Além disso, certa vez, nos primeiros tempos da pesquisa, ao chegar para acompanhar um dos ensaios, encontrei um grupo de mães bordando novas alegorias para a Fanfarra. Mal me cumprimentaram, deram-me agulha, linha e disseram-me que contavam comigo para ajudá-las. Só depois, uma delas perguntou-me se eu sabia bordar. *Sim, eu bordei!*

Até agora falei das mães. As atividades dos pais são mais visíveis nos eventos, quando, juntamente com as mães e os *simpatizantes*, eles ajudam a transportar os instrumentos mais pesados para a apresentação.

Algumas vezes, também, preparam novos adereços, de acordo com as orientações do coreógrafo, e também caixas para transporte do material e outras necessidades que surjam.

Pelo seu empenho, os integrantes da equipe de apoio contam com grande prestígio, não só com os jovens, como também com os coreógrafos e, especialmente, com o maestro que, regularmente, com eles debate idéias em prol da Fanfarra.